ANO 33.º Sábado, 24 de Fevereiro de 1940 N.º 1617

O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Rèpublicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: IMPRENSA UNIVERSAL
Rua Combatentes da G. Guerra — Telef. 125 — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Tôda a correspondência deve ser dirigida ao Director
Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto — Agência Havas

VAMOS ANDANDO...

Com o presente número entra êste semanário no 33.º ano da sua existência como jornal politico e noticioso de Aveiro. Não festejamos o aniversário. Apenas assinalamos a data porque o caminho de 32 anos já percorrido nos diz que é preciso ser-se forte para vencer uma travessia tão prolongada e com tantos escolhos, mercê das deslealdades duns, das perseguições doutros e até das ingratidões de alguns. Deixemos, porém, isso, que não passa de autênticas misérias só próprias de energumenos armados em pavões e fixemo-nos no futuro, olhando-o de frente, sem pessimismos, embora no horisonte se acastelem nùvens um tanto ou quanto escurecidas, anunciadoras de borrasca... E' que, nascidos para a luta e nela encanecidos, não será fácil o aniqüilamento brusco, sem lhe opormos, como sempre temos feito nos momentos críticos pelos quais o jornal há passado, a maior, a mais tenaz e decidida das resistências.

Por isso prosseguimos, cumprimentando afectuosamente os nossos assinantes, anunciantes, colaboradores e colegas amigos como prova de que jàmais esqueceremos a sua solidariedade.

Ordem interna e externa

Imediatamente à declaração das hostilidades na Europa, o Govêrno Português entendeu dever definir, por forma categórica, a nossa atitude em face do conflito. E fê-lo com inexcedível clareza, fixando a nossa posição de neutralidade e precisando logo a que ponto nos sentiamos interessados no restabelecimento da paz e prontos a apoiar todas as iniciativas viáveis e bem intencionadas que tivessem por objectivo restaurá-la.

A guerra não existe unicamente para as nações beligerantes. Também aos neutros impõe deveres especiais o condicionalismo particular que resulta do conflito europeu. O primeiro dêsses deveres é o de contribuir para a reconstituição da paz. E é requisito indispensável duma acção com essa finalidade a coesão moral dos países que se exprime na sua ordem interna e no decoro e serenidade da vida política. Só poderão ser factores de paz internacional aqueles que, a dentro das suas fronteiras, houverem sabido manter a paz nacional.

Não pode eliminar-se, quando se prescrutam as causas desta guerra, a influência das ideologias extremistas, do comunismo inumano e do nacionalismo desvairado de todos aqueles princípios que, constituindo a negação do equilíbrio no domínio interno, acabaram por ter na guerra das nações a sua projecção natural.

A paz há-de, lògicamente, restabelecer-se pelo esfôrço dos países que, na grande procela, houverem sabido manter intacta a virtude essencial da ordem cívica. Se a guerra é, hoje, até certo ponto, a desordem alargada do plano interno ao plano internacional, não pode a restauração da paz deixar de ser favorecida pelo exemplo dos Estados que fôrem capazes de manter a sua disciplina interior.

Por isso nunca como hoje se recomendou a todos os povos a continuidade governativa, as virtudes da boa administração, a fidelidade aos chefes e aos ideais, enfim tudo quanto é capaz de criar e robustecer a ordem pública, que é um dever imperativo da hora presente.

S. P.

Taxa militar

Finda no dia 29 do corrente o prazo marcado para o pagamento voluntário dêste impôsto. Por isso avisamos que se êle fôr efectuado no dia seguinte já custa o dôbro. E o dinheiro é sangue...

Mudança da hora

Este ano antecipa-se. E' hoje que tem logar, devendo os relógios adiantar-se 60 minutos, à meia noite, como na Inglaterra, e na França vai suceder por determinação dos respectivos govêrnos.

Em face do exposto vamos agora ver o que farão os tocadores do Angelus nas duas freguesias da cidade...

Feira de Março

Vão de vento em pôpa os trabalhos para a sua realização, daqui a um mez, achando-se já marcados bastantes terrenos para os *stands* de amostras que dentro do recinto devem ser construídos.

A propósito, o nosso presado colega *Concelho da Murtosa*, escreve:

A Feira de Março é um mercado que a dessiminação do comércio não conseguiu extinguir.

Tudo o que ali se vende e compra vende-se e compra-se em tôda a parte, mas êsse facto está longe de representar uma sentença de morte.

E' uma tradição de Aveiro que nós, mesmo sem necessidade, ajudamos a sustentar com a nossa comparência de curiosos.

Cada vez admiramos mais nos aveirenses a ciência com que veem criando uma cidade nova sem liquidar as coisas velhas—aquelas coisas que, como a sua Feira, constituem motivos de atracção interessante e fontes de receita pingue.

Assim nós os soubessemos igualar, fazendo da velha Torreira, por meio duma ponte através da Ria, o grande centro comercial, a nova praia de turismo que ela já podia ser!

Êste número foi visado pela Censura

Jornalistas

— o —

Escrevendo sôbre êste assunto no *Diário de Notícias*, diz-nos Bourbon e Menezes:

De tempos a tempos vem à superfície da publicidade, quási sempre formulada por sujeitos que presumem de omnisabedores—presunção que não os inibe, já se vê, de não fazerem idéia nenhuma sôbre o que seja fazer um jornal—o alvitre de exigir ao jornalista uma espécie de salvo-conduto para o exercício da sua actividade. Segundo êsses sujeitos, por isso que a profissão do que trabalha na Imprensa implica, evidentemente, uma certa cultura geral, deveria haver escolas adrede montadas para habilitar jornalistas. Como tôdas as outras, essas escolas teriam, é claro, professores, um molho de disciplinas escalonadas na duração de um curso, pontos escritos, exames de freqüência e, no remate das correlativas canseiras, um diploma, sem o qual ninguém poderia garatujar linguados de papel numa redacção.

Esta ideia de jornalistas preparados por processo idêntico ao geralmente adoptado para fazer bachareis ou regentes agrícolas nasceu, se não estou em êrro, na Alemanha, que é o país onde tudo se pretende substituir por sucedaneos. Mas já entre nós encontrou quem a perfilhasse.

A verdade é que tal propósito não passa de um – despropósito. Se existe profissão para a qual não há preparação especial, é a do jornalista. Sem dúvida que êle carece de cultura geral. Mas o que constitue—como dizer?—o nervo da sua capacidade não é a cultura, que, aliás, tanto pode adquirir numa escola como fora dela, autodidacticamente, ao sabor da sua curiosidade. O jornalista faz-se por si, obedecendo ao impulso de uma vocação, e nutre-se, sobretudo, de aptidões que jàmais poderão ser apanágio de um diploma escolar. Os escritores insuspeitíveis de ser jornalistas costumam ter por êstes um desdem tão fatuo como o que alguns dos que lidam na Imprensa se não furtam também a sentir pelos que sabem fazer lindas obras de talha literária no seu gabinete, mas seriam incapazes de redigir, no borborinho de uma sala, por vezes tumultuária, uma notícia de dez linhas.

O jornalista pode ser um escritor tão digno dêsse nome como aquele que nunca se senta à banca de uma redacção para tracejar um artigo ou uma página de reportagem. Mas o que o caracteriza, a-par de uma acuïdade muito particular para auscultar o interesse colectivo e interpretá-lo, é um fulgurante poder de improvisação. Quem não souber escrever uma, duas ou três colunas palpitantes, no torvelinho de uma sala rumorejante, será tudo—menos jornalista.

Esta aptidão, que a tenacidade e o treino levam ao alto grau de eficiência, deriva de uma congenita predestinação de temperamento e não haverá escola que o subministre. Como disse Schopenhauer, não se aprende a ter talento.

Uma escola de jornalistas não conseguiria fazê-los senão do estofo daquele gazeteiro do tempo de Luís XIV, que, a-propósito dos boatos que corriam em Paris acêrca do cardial Mazarino, escreveu com conspícua gravidade:

«Dizem uns que o cardial morreu, outros que está vivo. Pela nossa parte não damos crédito nem a uns, nem a outros».

Para fabricar disto não se torna preciso criar nenhuma escola. Temos já muitas.

São uns portentos de ideias os tais sujeitos de que nos fala Bourbon e Menezes; o *grande panfletário*, que, também, é *eminente* e *mestre*, é-se, então, é dos primeiros a achar que uma escola de jornalismo se torna imprescindível em Portugal!

Se calhar ainda se ageita para seu professor, como foi de letras, sem curso nem concurso, na mira de lhe darem uns cobres mais para govêrno da casa.

Porque está pobresinho e necessitado com os dois contos mensais provenientes da generosidade daqueles a quem cobriu de impropérios para os desacreditar.

* * *

O que o sr. Bourbon e Menezes escreveu já foi classificado a semana passada pelo *eminente jornalista* de Aveiro—de *artigote!*

Pois está claro. Bom, mas bom de lei, só o que sai dessa *cabeça da raça*—poço sem fundo de vaidade, de despeito e de inveja mal contida.

Mas o que suporá o sujeito da sua importância, não nos dirão?

Efemérides

24 de Fevereiro

1843—Nasce em Ponta Delgada (Açores) o dr. Teófilo Braga, que tanto se evidenciou nas letras e na política.

1848—E' proclamada a República Francesa, no meio das maiores manifestações populares.

Dr. Jaime Silva

Aos numerosos leitores do *Democrata*, que se interessam pela saúde do distinto advogado da comarca e nosso bom amigo, dr. Jaime Duarte Silva, damos hoje, com satisfação, a agradável notícia de que já entrou em franca convalescença, tendo na quinta-feira dado o seu primeiro passeio à Costa Nova, a ridente praia do litoral, para onde todos os anos costuma ir passar as férias grandes com sua estremosa família e de cujas belesas é, como nós, um apaixonado admirador.

Deveras estimamos que o seu completo restabelecimento não se faça agora demorar muito.

Grande!...

Um poeta oriental, falando de Staline, diz que êle criou o homem, fecundou a terra e fez brotar as flores.

Flores de sangue sôbre os gelos da Finlândia!

DESEMBARGADOR AZEVEDO E CASTRO

A sua posse na Relação do Pôrto e a mensagem que lhe foi entregue em Lisboa

De passagem para o Porto, aonde, na quarta-feira, tomou posse do lugar de desembargador da Relação, a que ùltimamente ascendeu, conforme noticiámos, esteve dois dias em Aveiro com sua esposa, sendo hospede do director dêste jornal, o integerrimo magistrado, dr. Joaquim António de Azevedo e Castro, nosso velho e querido amigo.

O dr. Azevedo e Castro é natural do Rio de Janeiro, mas fez os preparativos no Liceu de José Estêvão e formou-se, em Direito, na Universidade de Coimbra, seguindo, depois, a carreira da magistratura. Em todas as comarcas onde serviu, quer como delegado, quer como juiz, deixou vincada a sua personalidade, o que se é uma honra para êle não o é menos para a classe e para a família judicial, que muito o considera e estima.

Também assistimos à sua posse, no Porto. Foi-lhe dada pelo presidente do Tribunal, o sr. Juiz Desembargador Alberto Eduardo Plácido, que fez o seu elogio.

Nós mostrámos-lhe a satisfação que sentimos por o chegarmos a vêr colocado num tribunal superior, rodeado de considerações gerais, e os desembargadores Simão José (que também com êle tomara posse) e Baptista da Silva, bem como o advogado dr. Colares Pinto, vindo propositadamente de Lisboa assistir ao acto, disseram o resto, que a falta de espaço nos força a omitir, mas que substituimos pela mensagem com que foi distinguido ao deixar a capital e que, escrita em pergaminho, é do teor seguinte:

Ex.mo Sr. Desembargador Azevedo e Castro:

Os funcionários judiciaes desta 3.ª Vara de Lisboa vêm numa respeitosa homenagem do maior aprêço e dedicação, apresentar a V. Ex.ª as suas felicitações mais sinceras, por com tanta justiça V. Ex.ª ter ascendido às cadeiras da Relação.

Não está no nosso ânimo, nem poderia estar, dirigir a V. Ex.ª cumprimentos de elogio, que iriam além do que nos seria permitido; mas está no cumprimento do nosso dever e respeitosa amizade pedir licença a V. Ex.ª para lhe tributarmos todo o nosso reconhecimento e tôda a nossa admiração.

Na presidência desta Vara, no conhecimento de todos os seus funcionários, nunca houve ensinamento pedido que V. Ex.ª não tivesse esclarecido com eminente critério e com interessada bondade e paciência.

Nunca se agastou V. Ex.ª com as faltas inevitáveis e toleráveis, no serviço árduo de todos os dias; e não houve sofrimento pessoal de qualquer funcionário por que V. Ex.ª deixasse de se interessar amigàvelmente.

Como não hão-de ser repassadas de sinceridade estas singelas palavras de despedida e gratidão, se elas são dirigidas ao Magistrado espelho e honra da Digna Magistratura Portuguesa, no momento em que êle deixa, para sempre, êste Tribunal?

Desejam os funcionários desta Vara que V. Ex.ª se digne aceitar uma recordação dêles, bem modesta, por sinal; pretendendo assim, que no seu gabinete austéro de Magistrado, V. Ex.ª se lembre algumas vezes, da dedicação merecidíssima, que aqui continua, em volta do nome digníssimo do seu saudoso Juiz.

Que V. Ex.ª não nos leve a mal o significado da lembrança, são, com as nossas felicitações, os votos que pelas felicidades pessoais de V. Ex.ª, fazem os funcionários judiciais do Tribunal, desta vara de Lisboa, devotados e reconhecidos pelos exemplos que lhes legou, pelos ensinamentos incansáveis com que sempre os esclareceu e pela bondade e interêsse com que V. Ex.ª sempre os tratou.

Lisboa, 10 de Fevereiro de 1940.

(aa) José Luciano Vilhena Pereira, delegado; Rafael Salinas Calado, chefe da secretaria; Jordão Menezes de Azevedo, chefe da 1.ª secção; Manuel Eduardo da Costa Fragoso, idem da 2.ª secção; João Artur Lopes Ferreira, ex-chefe da 3.ª secção; Rodolfo Bacelar Begonha, chefe da 3.ª secção; Amandio Guerra Bordalo, idem da 4.ª secção; Pedro Batista Mendes, oficial da 1.ª secção; Victor Alves Mantas, idem da 2.ª secção; Domingos Elízio Labrita, idem da 3.ª secção; António Jeaquim Suzano Monteiro, idem da 4.ª secção; Anselmo Sampaio Lopes Vieira, escriturário da S. Central; José Agostinho da Silva Júnior,

Além túmulo

Dr. Jaime Lima

Faz àmanhã quatro anos que no seu retiro da Quinta de S. Francisco, em Eixo, expirou esta veneranda relíquia da nossa terra, que tanto honrou com o seu talento, as suas virtudes e a sua bondade.

Invocando a sua memória, inclinamo-nos ante os despojos do erudito escritor aveirense.

Henrique de Brito

Vai fazer também seis anos, na próxima quarta feira, que a vida de Henrique Norberto de Brito se extinguiu.

Farmacêutico distinto, foi dos nossos melhores amigos —dos mais sinceros, dos mais afectuosos, dos mais dedicados. Por isso não o esquecemos e nestas colunas queremos, mais uma vez, prestar homenagem à nobreza dos seus sentimentos, à magnanimidade do seu coração, à grandesa da sua alma.

O TEMPO

Continuaram esta semana os dias primaveris. Uma delícia para quem as pode gosar ao ar livre!

O peor é se os pagamos. Fevereiro quente dizem que traz o Diabo no ventre... E isso achamos mau, por muitos motivos, entre os quais devido aos prejuízos que sempre acarretam as tempestades.

idem da 1.ª secção; Raual Rosa, idem da 2.ª; Carlos Moreira, idem da 3.ª; Maria Eugénia Duarte Bicho, escriturária da 4.ª; António Victor de Almeida Júnior, copista da S. Central; Artur Oliveira Dias Leonardo, idem; Augusto Marcos Esaguy, idem da 1.ª secção; Manuel Salvador C. Fragoso, idem da 2.ª; João Maria Raimundo, idem da 3.ª; José Cipriano Vicente, idem da 4.ª; Luiz Folque, advogado, em nome pessoal e pelo Conselho Distrital de Lisboa; João Bernardino de Souza Carvalho, juiz da 2.ª Vara; António Judice Bustorf Silva, advogado; José Francisco Teixeira de Azevedo, idem; Arnaldo Monteiro, idem; Adelino Lopes da Cunha Mendes, arquivista; Francisco de Oliveira Massano, chefe da Secretaria da 6.ª Vara; Fernando Batista da Silva, advogado; Abilio Barbosa Duarte Cruz, em nome pessoal e pela Camara dos Solicitadores de Lisboa; Vicente Esteves Cardoso, Distribuidor Geral; Delfim José Rodrigues Braga; Fernando Olavo, advogado; Mario Elisio de Paiva Jacome, idem; Alvaro Belo Pereira, idem; Carlos Marques, chefe da 2.ª secção da 6.ª Vara; Maria Guilhermina Lopes, telefonista; Jose Francisco Jorge Branquinho, chefe da 4.ª secção da 6.ª Vara; José de Almeida Inês, advogado; António Alçada, idem; Julio da Rocha Diniz, chefe da 2.ª secção da 2.ª Vara; Fausto Sampaio de Andrade, escriturário da 4.ª secção da 2.ª Vara; Alberto Sampaio de Andrade, copista da mesma secção e Vara; António Luiz Roque; Pedro Taveira, contador aposentado; Candido José de Carvalho, chefe da 2.ª secção da 1.ª Vara; Antonio Martins, escriturário da 2.ª secção da 2.ª Vara; Alberto dos Santos Bragança, escriturário da 1.ª secção da 1.ª Vara; Licinio Pinto do Souto, chefe da 3.ª secção da 1.ª Vara; Francisco Mendes Esmeraldo, advogado; Simão José, desembargador; Manuel Barreiros Goulão, chefe da 4.ª secção da 4.ª Vara; Victor Manuel Sobral de Carvalho, advogado; Jaime do Rêgo Afreixo, idem; Americo Castanheira Correia Neves, solicitador; Alfredo Camossa Vaz Pinto, conservador do Registo Predial; Alvaro de Vasconcelos, idem; Angelo Lobo e Silva, advogado; Cristiano Leite da Cruz, chefe da 1.ª secção da 1.ª Vara; Eulália Lopes de Oliveira, copista da secção central da 1.ª Vara; António Loureiro de Mendonça, solicitador; Sampaio de Andrade, chefe da 4.ª secção da 2.ª Vara; José Martins; Luiz Salema de Sampaio, advogado; Alfredo Cortez, chefe da Secretaria da 1.ª Vara; João de Melo Barros, ajudante do Tesoureiro; Anibal Machado, chefe da 4.ª secção da 1.ª Vara e Alexandre Mexia de Almeida Fernandes, chefe da 2.ª secção da 2.ª Vara.

O desembargador Azevedo e Castro, a quem mais uma vez felicitamos pela maneira como é apreciada a sua nobresa de caracter, a sua inteligência e a sua bondade, tem recebido muitos telegramas, cartas e cartões a felicitá-lo, igualmente, pela sua promoção.

Bairro Ferro-viário

Vão aumentando nele as construções pelo que está a pedir que a Câmara comece a interessar-se também pelas regalias a que têm direito os seus moradores, como sejam os caminhos de acesso e a iluminação pública, duas coisas da maior necessidade e que não é muito se atender ao que de importante já ali se encontra realizado por iniciativa particular.

Para a Câmara, pois, apelamos no sentido de contribuir para o desenvolvimento do Bairro em referência, dando aos seus habitantes algo que lhes satisfaça as suas legítimas aspirações.

IMPRENSA

Revista dos Centenários

Mais um número desta excelente publicação, que abre com um artigo do sr. dr. Marques Guedes intitulado — *Portugal é uma Nação.*

Também de muito interêsse a parte referente aos *Castelos de Portugal* do capitão Jorge Larcher.

Agradecemos a remessa.

Aformoseando

A cidade já vai apresentando outra fisionomia que lhe dá os prédios caiados, tornando-a mais airosa e mais atraente.

Bom será que o camartelo vá demolindo autênticos pardieiros que ainda por aí se vêm, acabando com as ruínas que não têm nenhuma razão de existir.

O que não está certo é que o rapazio se entretenha, depois, a riscar portas e paredes, como é hábito antigo, sem respeito pela moral, pela decência e... pela bôlsa alheia.

OS PASSOS

Efectuaram-se, com a pompa habitual, as duas procissões nas freguesias da Vera-Cruz e Glória, enchendo-se as ruas e as janelas dos prédios, por onde passaram, de curiosos para assistirem ao desfile.

O sr. Arcebispo-bispo de Aveiro a ambas deu a honra da sua presença, acompanhando-as, devidamente acolitado, sob o pálio.

Comando da Polícia

(Secção de Beneficencia)

MOVIMENTO DE JANEIRO

Receita

Saldo do mêz anterior	1.958$55
Receita dos subscritores	1.323$50
Soma	3.282$05

Despeza

Distribuido aos pobres	1.322$00
Saldo para Fevereiro	1.960$05

A situação da Imprensa

O diário lisbonense *A Voz*, abordando, há dias, o magno problema que anda ligado ao esfôrço que as emprêsas jornalísticas estão a fazer para cumprir decentemente a sua missão sem envergonharem a função moral e de espírito que lhe foi confiada, escreve:

«Os jornais que não sejam amparados por uma fôrça financeira capaz, terão de sossobrar porque é impossível viver em semelhantes circunstâncias.

Com efeito—acrescenta agora um cronistaa situação dos jornais era já muito penosa e delicada, mas com a guerra tornou-se insuportável. Com muita dificuldade os jornais poderão viver. Impõe-se, portanto, que as medidas sejam tomadas no sentido de que se salve ainda a maior instituição moral da opinião pública que tem de estar afastada de todo o contacto maléfico para se manter digna e dignificadora.»

Estamos a vêr que não se passa da lamúria do costume e no entretanto se o Govêrno quizesse talvez as coisas se não apresentassem com aspecto tão carregado.

Demorar mais quaisquer providências julgamos, neste caso, concorrer para o completo aniquilamento da imprensa e êsse êrro mais tarde é que há-de produzir os seus efeitos.

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO

CARTA DE LISBOA

22 de Fevereiro de 1940

Descobriram-lhes o jôgo

Causou a maior sensação em todos os meios da capital o notável artigo recentemente publicado pelo *Século* sob o título—*Saldos*—que teve o condão de descobrir o jôgo de certa gentinha, agora tomada do maior «fervor e devoção patriótica». Assina-o *M.* inicial que corresponde a uma figura do maior relêvo na política do Estado Novo.

Falando das peregrinas opiniões de certos senhores, àcêrca da política dos saldos, graças à qual temos podido realizar tantos e tantos melhoramentos verdadeiramente imprescindíveis à nossa vida e ao nosso progresso, escreve o ilustre articulista:

Não seria melhor reduzir as contribuições e irmos vivendo dos saldos, nêste tempo que a guerra faz difíceis a todos, às economias?

Se ámanhã for necessário mais dinheiro cada um fará, então, e de boamente o sacrifício que não se vê agora completamente justificado.

Esta é a fala dos inimigos do saldo e devemos confessar que tal política seria menos antipática. Mas, em primeiro lugar, é de observar que o período das liquidações é, em regra, pequeno. Quando alguém apertado pelas necessidades vende uma propriedade, o preço, em brêve, desaparece como se o fôgo lhe pegasse. Mas há mais razões. O apetrechamento necessário à defesa nacional não está completo, como tôda a gente sabe, e os que combatem o saldo ainda o dizem menos completo do que êle está na realidade. Também a utensilagem nacional que incumbe ao Estado está ainda longe de ser suficiente. Há ainda grandes obras a fazer, e é necessario que se façam, não só para enriquecer o país, mas também para dar salários àqueles que só com o trabalho podem obter o pão de cada dia. Depois, poderá alguém de bôa fé dizer que seria possível obter ámanhã das fortunas privadas a mesma importância? No português não há grande espírito de economia. Quando tem, faz de fidalgo. Gasta à larga, como se o dinheiro lhe fizesse mal, e êste espírito de gastar parece fazer parte do nosso sentir geral.

Poucas vezes um problema terá sido focado com tanta verdade e tanta inteligência.

Depois do que aí fica, supomos que pelo que diz respeito a eles, deve ter cessado certa ofensiva de mentira e perfídia com intuitos demais conhecidos. Isto pelo que diz respeito a êles, repetimos. Pelo que nos toca, porém, devemos ter presente as palavras com que muito judiciosamente termina o artigo a que nos estamos referindo:

«Ajudem-se os portugueses uns aos outros, unam-se bem, até sentirem, como se diz na formação militar, os cotovelos dos visinhos, que, com os saldos, o Estado ajudará a Nação.»

Estas palavras devemo-las ter sempre presentes, porque se assim fôr nunca nenhum perigo nos vencerá.

Presidente da República

Lisboa celebrou, há pouco, com o maior entusiasmo a passagem do 5.º aniversário da reeleição do sr. General Carmona para a presidência da República. E de novo a capital aproveitou a ocasião para, mais uma vez, afirmar a sua muita consideração pela figura veneranda e querida do ilustre Chefe do Estado.

De facto compreende-se que assim seja. O sr. General Carmona tem sido o melhor representante do grande movimento de renovação, levado a cabo pela Revolução Nacional.

Graças à acção do sr. Presidente da República, que tem sido o melhor e mais decidido e patriótico colaborador de Salazar, Portugal gosa hoje dum prestígio e dum bem-estar que nos honra e desvanece. Por isso são poucas tôdas as homenagens, tôdas as manifestações que se tributem ao eminente português.

O tostão da Finlândia

Foi acolhida com o maior aplauso e entusiasmo a iniciativa da M. P. F. de se abrir entre os escolares de todos os graus de ensino, uma subscrição a favor da martirizada Finlândia.

Por intermédio da sua magnífica juventude, vai Portugal afirmar a sua solidariedade à nobre nação, que tem sabido ser nos confins da Europa a melhor defensora da Civilização Ocidental, esta mesma Civilização pela qual nós desde sempre nos batemos e sacrificamos.

Concerteza nenhum escolar deixará de contribuir com o seu tostão, a pequena contribuição que a todos se pede, mas que certamente irá realizar o velho ditado que os muitos poucos fazem muito.

GIL DO SUL

INTOLERAVEL

Aqueles quintalórios onde crescem os hortos e se enxugam roupas, na Avenida Dr. Lourenço Peixinho, estão mesmo a pedir enérgica intervenção de quem de direito já que as pessoas que nisso têm responsabilidade não compreendem a vergonha que representa para a terra o exibicionismo de tudo quanto é impróprio de certos locais.

E êste de que nos ocupamos é um dos que não podem estar à mercê só do critério dos seus moradores, por muito lógico que isso pareça, visto a obrigação que todos temos de contribuir para o asseio da nossa casa.

Os hortos da Avenida e as bandeirolas devem, portanto, desaparecer duma vez para sempre.

Iluminação pública

Há algumas ruas na cidade que, pela sua situação, precisam ser melhor iluminadas, como, por exemplo, a Rua da Fabrica e a que vai à passagem de nivel de S. Bernardo.

A iluminação desta última artéria até beneficiaria os condutores de veículos que têm de atravessar a linha férrea, evitando os desastres provenientes da escuridão da noite, que não deixa ver se as cancelas estão ou não fechadas.

Aqui fica, mais uma vez, a lembrança.

Um novo plano de turismo

No gabinete do Director do Secretariado da Propaganda Nacional, em Lisboa, e sob a presidência do sr. Brigadeiro Silveira e Castro, efectuou-se a primeira reünião do Conselho Nacional de Turismo, recentemente remodelado. Referiu-se o sr. Brigadeiro Silveira e Castro, congratulando-se, à medida governamental que transferiu os serviços de Turismo para o Secretariado da Propaganda, ficando, portanto, sob a superior orientação do sr. Presidente do Conselho.

António Ferro, que falou seguidamente, salientou a acção desenvolvida pelo Conselho Nacional de Turismo e fêz uma larga exposição sôbre o plano turístico a pôr em prática. O sr. Conde de Monte-Real, presidente do A. C. P. falou também àcerca do problema em debate e por fim o sr. Brigadeiro Silveira e Castro encerrou a sessão de trabalhos.

Um novo plano de turismo está já elaborado e o país só tem a lucrar com a amplidão e com o desenvolvimento que vão, de-certo, tomar os serviços turísticos, que são considerados, com razão, um importante problema nacional.

Cartas a uma amiga de longe

Fevereiro, 1940

Querida amiga:

Terra de tradições, é esta Aveiro.

Todos os anos, na sexta-feira, lá vem o andor da Nossa Senhora, do Carmo para S. Gonçalo, o da frèguesia da Vera-Cruz, de S. Domingos para a Misericórdia, o da frèguesia da Glória.

E esta procissão, realizada ao caír da noite, impressiona e dá-nos bem a sensação duma fuga.

No sábado de tarde, trabalha-se afanosamente nas principais igrejas da cidade para as transformar em verdadeiros jardins de flores raras, à noite visitados pelos fieis, que, num formigueiro constante vão comentando, uns, fazendo as suas orações, outros. Há ainda as pessoas que vão cêdo para arranjar lugar e uma cadeira; muito aninhadas, muito encolhidas, vão desfiando o rosário nisem rezar — apenas para dar uma satisfação ao mundo. No fim viram tôdas as pessoas que entraram e saíram, como vinham vestidas, o que fizeram, se deram esmola... Valha-nos o Senhor dos Passos!...

Desde que me conheço que faço esta visita às igrejas, umas vezes por lindas noites luarentas, outras com chuva e ventania, e, quando entro em S. Domingos sofro sempre a mesma sensação. Aquela imagem do Senhor dos Passos que domina a multidão, parece estar suportando ainda a sua hora de sofrimento e de Calvário. A Sé parece maior, os acordes do miserere repercutidos através das naves da igreja, mais profundos e magistrais...

Impressiona-me sempre êste espectáculo e em pequena, amedrontava-me, até, e era sempre muito agarrada à mão duma pessoa grande que eu passava por debaixo do andor.

Ontem saíu a procissão. Que te hei-de dizer dela, amiga querida, a ti que tantas vezes a viste e admiraste a sua imponência? Este ano ia na mesma —linda!

Vista de longe, dava-nos a impressão duma grande mancha rôxa, cortada aqui e acolá, pela alvura verginal dos vestidos dos anjinhos.

Não há como os aveirenses para fazerem procissões bonitas e imponentes.

Tenho-as visto por todo êsse Portugal, mas nenhumas igualam as de Aveiro. A de ontem tinha a mais do que o costume um não sei quê que sensibilizava. Quando passou à minha rua, olhei em redor. Era um mar de gente. Não havia nenhuns olhos de mulher que não estivessem húmidos de lágrimas. O que comovia? Sei lá!... Cada coração daria uma resposta, mas a pessoa não a saberia dar. Queres que te diga porque chorei? Não o sei dizer-to também; sei só que senti o coração confranger-se tanto, que certamente não seria só uma a causa que me fez chorar...

Hoje será a procissão da frèguesia da Glória. Mais uma tradição desta cidade de canais, filha de ódios velhos, que já passaram à história.

E' também uma procissão tão linda!... Mais linda, talvez, do que a da beira-mar.

Um abraço da

Zèmi

Coisas impróprias

Também os troncos de palmeiras, esguios, de muitos metros de altura, que se erguem nos terrenos das escolas da Glória, que estão ali a fazer? Que utilidade têm? Serão, porventura, motivo de belesa?

Que gostos tão extravagantes existem em Aveiro!

Pois bem: aquilo não pode nem deve eternizar-se no local.

A' câmara compete aplicar-lhes imediatamente o machado e aproveitar o terreno para jardim, nas devidas condições.

Ficamos aguardando a resposta...

Notas Mundanas

Aniversários

Fez anos, no dia 18, a sr.ª D. Idalina Branca Pinto da Silva, esposa do sr. Antero Monteiro da Silva, residente em Chaves; hoje, fazem, os srs. Luís António D. da Fonseca e Silva e José Rabumba (o Aveiro), residente em Matosinhos; ámanhã, as sr.as D. Carolina Patoilo Cruz, professora oficial e D. Isolina das Neves Vidal, esposas, respectivamente, dos nossos amigos António Simões Cruz e dr. António Lúcio Vidal, notário em Vagos, e os srs. tenente João Pereira dos Santos, ex-chefe da Banda de Infantaria 10, e Manuel Gomes Gautier, industrial de panificação em Setúbal; no dia 26, as sr.as D. Lucia de Melo Brito e D. Maria F. da Costa e Silva Rebelo, esposas, respectivamente, dos srs. António de Brito, farmacêutico em Valadares, e Vitor Hugo Mendes Rebelo, professor na Granja do Ulmeiro (Soure); as meninas Maria Celina da Cunha Miranda, dilecta filha do sr. dr. Hernani de Miranda, advogado em Albergaria-a-Velha, e Isaura de Pinho Gilvaz, irmã da sr.ª D. Rosa de Pinho Gilvaz, residentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil) e o nosso velho amigo José de Sousa Lopes, actualmente em Lisboa; em 27, os srs. Agostinho dos Santos Jorge, professor em Vagos, e Oscar Vieira da Costa, ausente em Luanda (Africa Ocidental) e o menino Ricardo Maia dos Reis, filho do industrial sr. José dos Reis; em 28, a galante Maria de Lourdes, filhinha do nosso amigo dr. Vitorino Simões Cardoso, tenente-médico de Infantaria 10, e o sr. Eduardo Coelho da Silva; em 1 de Março, o sr. Domingos Simões Génio e em 2, o sr. Humberto Trindade, da firma Trindade, Filhos, e o Fernandinho, filho do sr. Manuel Seabra de Azevedo, activo comerciante em Sá da Bandeira (Angola).

Casamentos

Depois do registo civil, celebrado na respectiva repartição, teve logar, domingo, na capela privativa do Paço Episcopal a cerimónia religiosa do casamento da sr.ª D. Glória Rosa Morgado, do Salão Chic, da Avenida Dr. Lourenço Peixinho, com o sr. João da Silva Avelino, furriel de Cavalaria 5.

Presidiu ao acto o novo prelado sr. D. João Evangelista Vidal, que proferiu uma eloqüente alocução cheia de ensinamentos para os nubentes, tendo servido de padrinhos, por parte da noiva, seu irmão, o sr. José Morgado e a sr.ª D. Maria Trancoso Magalhãis; e pelo noivo o sr. Alberto Ferreira Barbosa e esposa, respectivamente, cunhado e irmã da noiva.

Finda a cerimónia os recem-casados e os seus convidados dirigiram-se para a residência da familia da noiva, onde lhes foi servido um fino copo de água, que decorreu no meio de grande satisfação e intensa alegria.

Os noivos, que receberam numerosas prendas, partiram, no mesmo dia, para Viana do Castelo onde passaram a lua de mel.

Muito estimamos que ao ditoso par, possuidor de predicados que hão-de contribuir para a felicidade conjugal, esteja reservado um futuro venturoso.

Partidas e Chegadas

Encontra-se entre nós a passar alguns dias o sr. Nuno Meireles, da casa Agostinho Ricon Peres, do Pôrto.

Doentes

Com um ataque de gripe encontra-se de cama a sr.ª D. Maria Ermelinda Cardoso Couceiro Valente, esposa do sr. dr. Acácio de Oliveira Valente e filha do nosso velho amigo dr. Eugénio Couceiro.

—Também não passa bem de saúde o nosso amigo João Ramos, da Foto Moderna.

Desejamos-lhes completo restabelecimento.

—Dia para dia vão-se acentuando as melhoras do nosso amigo João Mota, empregado no Banco Regional, tudo fazendo prever que em breve comece a dar os seus passeios.

Oxalá assim aconteça.

O almôço de despedida

ao sr. tenente Pereira dos Santos

Efectuou-se, como noticiámos, no domingo, pelas 13 horas, assistindo os srs. Carlos Aleluia, Severim Duarte, Virgílio de Oliveira, Henrique Moreira, António Moreira, tenente-médico dr. Vitorino Cardoso, Alexandre dos Prazeres Rodrigues, Gervasio Aleluia, Alfredo Esteves, Benjamim Fidalgo, Fernando Silva, Henrique Ramos, Jeremias Moreira, tenente Natividade e Silva, professor José Simão, representando o sr. Henrique Rato e Arnaldo Ribeiro.

Primorosamente servido, como de costume, na espaçosa sala do *Arcada Hotel*, cuja decoração sobresai sempre quando a luz do sol nela penetra e a ilumina a flux, decorreu o repasto no meio duma sã camaradagem e boa disposição, sendo o *ménu*, de pratos finos, cosinhado a capricho e acompanhado, desde o princípio, a espumante do Barrocão, gentilme te oferecido pela Emprêsa das acreditadas caves bairradinas.

A' sobremesa vieram os brindes da praxe. Carlos Aleluia, sóbrio como é seu costume, sintetisa, em poucas palavras, o que todos pensam àcêrca do homenageado. E diz:

«Senhor Tenente Pereira dos Santos:

E' condão e mau fado da nossa terra, êste: o que é bom não é para nós! E assim, quando por êrro do destino algo de valia por aqui pousa, é porque grave desarranjo s verificou na bússola que norteia o seu caminho. Assim aconteceu mais uma vez com a vinda de V. Ex.ª para Aveiro. Dissemos todos imediatamente, em unisono, após a sua chegada: aqui anda bússula escangalhada!... E, efectivamente, passado pouco mais de um ano, verifica-se que se cumpre a nossa sina, e V. Ex.ª, cumprindo a sua, sai de Aveiro... porque foi, reparada a avaria!

Esta pequena reünião de despedida que, por ser moda, se realiza à volta de uma mesa, é simplesmente para, dentro da maior intimidade, marcar a nossa admiração por V. Ex.ª não apenas no campo artístico, mas também—e muito especialmente—no campo social.

A extinção da Banda do Regimento de Infantaria atingiu a cidade inteira. Todos sentem a sua falta. Mas esta dúzia e meia de pessoas amigas que hoje se juntam à sua volta pretendem demonstrar que, se a Banda lhes faz falta uma vez por semana, a presença de V. Ex.ª, com a sua afabilidade e amizade, lhes faltará, de futuro, todos os dias, o que no concêrto do afecto que faz da vida alguma coisa, representa um golpe que magôa profundamente. Ninguém mais que eu, em Aveiro, é devedor a V. Ex.ª. Desde que no primeiro ou segundo dia da sua chegada tive a honra de lhe ser apresentado pelo nosso amigo, aqui presente, Alexandre dos Prazeres Rodrigues, não mais o deixei de massar, porque tendo a fatalidade de dirigir, à falta de gente, a fanfarra vocal da Escola Industrial e Comercial desta cidade, para êsse organismo desatei a fazer encomendas: originais, orfeonizações, foi operêta, etc., etc., e devo confessar que fui atendido sempre com invulgar boa vontade, valor e rapidez. Fazendo balanço, é triste concluir que nós, com a nossa comprovada pelintrisse, não podemos aliviar esta tremenda conta.

Resta-nos, para sossêgo da nossa consciência, a gratidão; e sendo o Mundo um viveiro de ingratos, nós seremos — pode V. Ex.ª estar certo disso — uma excepção à regra.

Senhor Tenente Pereira dos Santos: E' de carácter muito íntimo esta reünião de despedida. Não representa de forma alguma nem todos os seus amigos, nem a cidade; mas creia que a cidade inteira sente com grande pesar a partida de V. Ex.ª, porque perde um valor artístico. Nós, os amigos, perdemos êsse elemento no campo artístico e perdemos um amigo lhano e são no campo afectivo.

E' para assinarmos o pacto de amizade que solicitamos a sua comparência aqui e ainda para lhe pedirmos que aceite o cargo do nosso cônsul em Abrantes, ficando-nos, desta forma, a certeza de mantermos na terra da deliciosa *palha*, um pouco de alma da terra dos *ovos moles* que V. Ex.ª soube, com qualidades excepcionais, conquistar.

Bebo pelas felicidades e saúde de V. Ex.ª e Ex.ma família.»

Arnaldo Ribeiro, logo a seguir, começa por afirmar que se deu, não o impossível, mas o inevitável e deante do inevitável todos se curvavam.

Lamenta a saída do sr. tenente Pereira dos Santos, de Aveiro, a que logo de princípio tanto se afeiçoara atraído pelos encantos da sua ria e o convívio da sua gente; fala do clima ameno, suave e dôce, como os ovos moles, que aqui veio encontrar, prendendo-o à nossa terra, e termina por lhe desejar também todas as felicidadesde que é digno.

Na mesma ordem de ideias falaram ainda Virgílio de Oliveira, Alfredo Esteves e José Simão, dando-se por terminado o almôço após as seguintes palavras do homenageado:

«Meus senhores:

Neste momento desejava possuir dons oratórios e bagagem literária suficiente para poder exprimir num discurso, embora pequeno, os meus agradecimentos pela maneira cativante como fui recebido. Infelizmente, qualquer desses dotes me falta.

Neste almôço, estão presentes alguns amigos, que eu desejava focar, porque têm sido duma amabilidade, que não sei como agradecer-lhes; mas não o faço porque estou comovido e talvez ferisse a sua modestia.

Agradeço a todos as atenções que me dispensaram, oferecendo a minha casa em Abrantes.

Senhor Arnaldo Ribeiro e meu Ex.mo amigo:

Pedia-lhe para que no seu jornal, que tão hàbilmente dirige, exprima os meus maiores agradecimentos a tôda a população desta linda cidade, pela maneira gentil como me recebeu e acolheu os concêrtos que a banda de música do R. I. 19 realisou no Jardim Público, demonstrando em todos êles um aprumo, que só é próprio de gente educada e com uma cultura musical que não é vulgar no nosso país.

Vou retirar; e nessa conformidade cumpre-me oferecer o meu fraco préstimo na cidade de Abrantes, onde fui colocado.

Agradeço a maneira como aqui fui tratado e bebo pelas felicidades de todo êste bom povo de Aveiro.»

Uma estrepitosa salva de palmas abafou as últimas palavras do homenageado, dando-se, nessa altura, por findo o almôço.

Necrologia

Com 82 anos de idade faleceu no pretérito sábado o reverendo Manuel Rodrigues Vieira, antigo professor do Liceu e redactor do extinto semanário *Vitalidade*, órgão do partido franquista.

O entêrro efectuou-se na segunda-feira de manhã, após ofícios de corpo presente na igreja de Santo António, para o cemitério central, com larga representação do clero, professorado e estudantes.

Da freguesia da Oliveirinha, donde era natural, também vieram algumas pessoas.

* * *

Também na terça-feira sucumbiu aos estragos da tuberculose, Leontina da Conceição Pereira, casada com António de Pinho Mendonça e filha do sr. Antonio Pereira Campos, estabelecido com barbearia na Rua Direita.

Contava 28 anos, apenas, e no seu entêrro, efectuado no dia seguinte, encorporaram-se bastantes pessoas.

* * *

Em Arouca deixou de existir a semana passada, com 84 anos, a sr.ª D. Maria Angelina Gromovel de Melo Pinto Calheiros, veneranda mãi do sr. António Calheiros, gerente da filial do Porto da Vacuum Oil Company.

A ilustre senhora gosava, naquela vila, da maior consideração e estima, devido à sua extrema bondade e aos seus sentimentos caritativos.

A's famílias enlutadas, as nossas condolências.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Augusta Gomes Patarrana, solteira, de 81 anos, moradora no Alboi; na *Quinta do Picado*, José dos Santos, casado, de 84, e na *Quinta do Gato*, Virgílio Nunes dos Santos, viuvo, de 70, vitimado por uma hemorragia cerebral.

Correspondências

Preza, 22

A estrada que liga a nossa terra com a cidade encontra-se bastante danificada, o mesmo acontecendo com a que vai ter à Quinta do Gato.

Impõe-se, por isso, uma grande reparação.

—Foi promovido a 1.º sargento, continuando a fazer serviço em infantaria 10, o sr. Salvador João Rodrigues, aqui residente.

Felicitâmo-lo.

—Adoeceram os srs. Dimas Rodrigues Mieiro e Francisco Bela, aos quais desejamos completo restabelecimento.

—A esposa do primeiro, deu, ante-ontem, à luz uma criança do sexo feminino.

Mãi e filha encontram-se bem.

P.

Regimento de Cavalaria n.º 5

—c—

Anúncio

—o—

1.ª Praça

O Conselho Administrativo dêste Regimento, faz público que no dia 4 do próximo mês de Março, pelas 14 horas, na sala das sessões do mesmo Conselho Administrativo, se procederá à arrematação em hasta pública das rações de verde para os solípedes do Regimento de Cavalaria n.º 5 e para os do Regimento de Infantaria n.º 10 pelo espaço de 20 a 30 dias.

As propostas, feitas em papel selado da taxa em vigor, segundo o modêlo do caderno de encargos, serão apresentadas nêste Conselho Administrativo até à abertura da praça, em carta fechada e lacra da acompanhadas da caução provisória de CEM ESCUDOS (100$00).

O caderno de encargos está patente todos os dias úteis, das 10 às 15 horas, na Secretaria do Conselho Administrativo.

Quartel em Aveiro, 18 de Fevereiro de 1940.

O Tesoureiro

António Pedro Carretas

Alferes

Trincheira dum crente

JUSTIÇA!

A paz, é dos maiores bens desta vida e do mundo.

Viver em paz, tranqüilamente, de coração pacificado e confiante, de espírito sereno, calmo e sossegado, é a excelente dádiva de Deus e do destino.

A paz é, por isso, a grande aspiração e o nobre ideal.

A paz, chega mesmo a ser, a expressão da ordem, da ordem material e da ordem espiritual, da ordem social e da ordem moral. Não digo perfeita, mas com a ansiedade da perfeição. Talvez se possa, até, afirmar, quando há paz, há ordem e quando há ordem, há paz. Nem sempre!

Paz, ordem—encarnação da justiça. A justiça que é uma verdade e é uma mentira.

E' verdadeira, porque vive no fundo, no amago, na estrutura da consciência do homem, de nós todos que pensamos, que sentimos e vivemos a vida.

Um homem pode ser ignorante, inculto, impreparado, não ter a visão superior dos acontecimentos e das circunstâncias da vida, que dá a inteligência arguta e subtil, a cultura larga e sintética, a experiência profunda do labirinto, que é a alma humana, e do dédalo engenhoso e complexo, que são as realidades sociais, mas tem sempre, como regra geral, a noção espontânea da justiça.

* * *

O sentimento de justiça, é instintivo, é inato no homem. Esta intuição da justiça tem qualquer coisa de divino e de extra-terrestre. E' o coração, que dispõe também da sua inteligência, de olhos para vêr e observar, que tem a faculdade, de com exactidão e finura, definir o que é justo e o que é injusto, de seleccionar o trigo do joio, de distinguir o bem e o mal. Neste altíssimo sentimento de justiça, é que reside para o latino, para o homem ocidental, para o homem mediterrâneo e cristão, enfim para o europeu, a sua humanidade, a sua liberdade e a sua fonte de civilização.

E' civilizado porque é justo! E' bárbaro porque não tem a noção da justiça!

Revoltamo-nos voluntária e deliberadamente contra a injustiça. A alma fica transtornada, os nervos em pé, exaltam-se. Ficamos satisfeitos, contentes, alegres, parece que nos nasce uma alma nova, quando vemos realizar um acto bom, um acto de justiça.

O homem é assim. Deus moldou-o neste delicadíssimo barro. E se a observamos bem, Deus foi perfeitíssimo, sapientíssimo. Deu ao homem o instrumento da sua redenção e do seu castigo. E dá sua eterna tortura!

Se vê que marcha pela senda da injustiça, arripia, contrito, depressa caminho. Se tem a consciência ou a intuição de que pisa a estrada lisa e recta da justiça, avança feliz e sorri dente para a frente.

Este sentimento de justiça, é um dos emocionantes e formidáveis imponderaveis da vida.

E' preciso contar com êle, pois o homem, é um satisfeito ou um descontente, conforme o inspira e guia êste sentimento.

* * *

Mas eu afirmei, acima, que a justiça era igualmente uma mentira.

E' a verdade na consciência e no instinto profundo e vertebral do homem, mas é, muitas vezes, centenas de vezes, a mentira na sociedade e na vida real.

A grande luta, luta sem fim, a luta eterna, é entre a justiça da consciência e a justiça da sociedade.

E' a justiça da consciência, que projectando-se na realidade, esboça, organiza e constroi a justiça na vida positiva, prática e material, na pobre e triste vida de todos os dias, na vida social e económica e na vida política e jurídica.

Mas ela sai sempre imperfeita, sempre injusta, sempre de funil empregando a palavra banal, consagrada já pelo uso, pela realidade objectiva e pela verdade.

E, assim, surge torturante, augustiante e dramático o conflito entre o real e o ideal, entre o moral e o material, entre a justiça por realizar e a justiça realizada, entre o que é e o que deve ser!

O conflito, sem solução, do homem consigo próprio, pcis é êle que faz, que tecniza, que organiza e que constroi a justiça na sociedade, nos costumes e na vida!

Porque é que o homem é um descontente, um inconformista, um revoltado, o eterno insatisfeito e torturado?

Porque tem fome e sêde de justiça! A justiça exuberante que alimenta na consciência, mas que na sociedade, é precaria, incerta e volúvel. Que é um golpe de sorte na vida. Que é um bilhete que se compra e que sai premiado ou branco.

Anda o homem, de século para século, no esfôrço de titan, a substituir doutrina por doutrina, ideologia por ideologia, na santa intenção de realizar a justiça que lhe estrutura a consciência, mas de que vale essa preciosa energia, se a injustiça, é um carrasco que está sempre de sentinela à sua parte?

J. Carreira

P. S.

No último artigo saiu *menor* por *minar*, o que se rectifica.

J. C.

Alma Portuguesa

———

E' sempre enternecedor a nós, portugueses, verificarmos a cada passo, esta grande verdade: em qualquer parte do Universo onde se encontre um conterrâneo nosso é ponto assente que a sua alma vibra aos acordes de uma recordação de todos os momentos pelo seu torrão natal.

O mar imenso, ou mesmo a diversidade de motivos que o envolvem, não o tocam, nem de longe, com o estigma do esquecimento. Pode o português olvidar a sua terra por imposição da sua própria vida; porém, se lhe falar do seu Portugal querido, do cantinho onde nasceu, revive todo êsse tempo da sua infância e nunca deixa, se a situação que disfruta o permite, de auxiliar qualquer boa iniciativa que ali se desenvolva.

Assim foi-me grato apreciar um trabalho interessante, materializado num estandarte alegórico que o sr. Filipe Martins da Silva, actualmente em Moçambique, ofereceu ao *Grupo Recreativo da Esculca*, sua terra.

Obra bem deliniada, revelando um sabor artístico apreciável, foi confeccionada por sua esposa, senhora D. Isabel Malheiro Dias, que sendo colonial, também se habituou a bem-querer a aldeia de seu marido, talvez pelo muito que dela lhe ouve contar.

Representa o estandarte o motivo que deu o nome à povoação — uma sentinela («esculca») no seu pôsto de vigilância dos tempos remotos da nossa história gloriosa.

Admiração me merecem gestos que, como êste, calam fundo na nossa alma de portugueses sonhadores.

Viseu, 1940.

ANTONIO TUDELA

Agradecimento

A família de Ana de Oliveira Castro, reconhecida, vem por êste meio agradecer às pessoas que a acompanharam à última morada, a quando do desastre que a vitimou, e bem assim a quantas manifestaram o seu pezar pelo triste desenlace.

Esgueira, 20 de Fevereiro de 1940.

Câmara Municipal da Feira

—o—

EDITAL

—o—

ROBERTO VAZ DE OLIVEIRA, licenciado em Direito e Letras e Presidente da Câmara Municipal do concelho da Feira.

FAÇO saber que a Câmara da minha Presidência deliberou, em sua sessão de 10 do corrente, abrir concurso público por espaço de 20 dias a contar da data dêste, para a construção de uma Avenida e Estrada de acessso ao Castelo (1.ª fase) nas condições e nos termos expressos do caderno de encargos e programa do concurso aprovados por Sua Excelência o Ministro das Obras Públicas.

As propostas serão entregues nos termos do programa do concurso até às dezassete horas do dia 10 de Março próximo futuro.

Para constar se passou êste e outros que vão ter larga publicidade.

Feira, 19 de Fevereiro de 1940.

O Presidente da Câmara,

Roberto Vaz de Oliveira

Sindicato N. O. da I. de Cerâmica e O. C. do Distrito de Aveiro

—o—

Assembleia Geral Ordinária

Convocatória

———

A-fim-de serem apresentados e discutidos o Relatório, Balanço e Contas da Gerência de 1939, e fazer-se a eleição dos Corpos Gerentes para o ano que decorre, são convidados todos os sócios, no pleno gôzo dos seus direitos, a reünir na Séde, Rua João Mendonça, n.º 3-2.º, (junto à Feira de Março) Aveiro, pelas 10 horas do próximo dia 22 do corrente.

No caso de não comparecer a maioria dos sócio nêste dia reünirá, sem falta, **no domingo, 25 dêste mês.**

Aveiro, 20 de Fevereiro de 1940.

O Presidente da Assembleia Geral

a) **Palmiro da Silva Peixe**

Comarca de Aveiro

——

Editos de 30 dias

2.ª publicação

Pela Comissão de Assistência Judiciária da Comarca de Aveiro, Chefe Santos Victor, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando o requerido Ricardo Alfredo Júlio Verde, empregado comercial, residente em parte incerta, para, no praso de cinco dias, findo o dos éditos, contestar, querendo, o pedido de Assistência Judiciária requerido por sua mulher Cristina da Conceição, também conhecida por Cristina Rodrigues Viana, doméstica, residente na freguesia de Esgueira, desta comarca, para o fim de poder intentar a acção de divórcio contra o mesmo requerido.

Aveiro, 10 de Fevereiro de 1940.

Verifiquei:

O Presidente da Comissão

Fernando Moreira

O Chefe de Secção

António Augusto dos Santos Victor

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

2.ª publicação

Pelo Juízo de Direito, Segunda Vara, da Comarca de Aveiro, correm éditos de 30 dias, a contar da segunda e última publicação dêste anúncio, citando António Nunes Tavares de Matos, casado, padeiro, que residia em Aveiro, mas actualmente ausente em parte incerta ou desconhecida, para no prazo de 20 dias, findos que se seja o dos éditos, contestar, querendo, a acção do divórcio que, com benefício da assistência judiciária, lhe move sua mulher Amélia da Conceição de Jesús, da rua Hintze Ribeiro, da cidade de Aveiro.

Aveiro, 10 de Fevereiro de 1940.

Verifiquei:
O Juiz de Direito,
A. Fontes
O escrivão,
João António Morais Sarmento